

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A ENTREVISTA COMO UM PROCESSO DE INTERAÇÃO DIALÓGICA

Ilsa do Carmo Vieira Goulart¹

Resumo

Este texto assume por objetivo relatar os procedimentos metodológicos que envolveram a ação de entrevistar, favorecendo a construção do objeto de pesquisa, formado pelos depoimentos. Partindo da premissa de que a entrevista pode ser considerada um processo de interação dialógica entre o entrevistador e o entrevistado, este artigo procurou por meio da observação e da descrição da própria prática investigativa, elencar algumas etapas que antecederam, acompanharam, direcionaram e finalizaram a pesquisa de mestrado em educação, atribuindo à entrevista um caráter dialógico. Para tanto, o trabalho apoiou-se nas concepções de linguagem de Bakhtin (2003, 2004) e de Silveira (2002) a respeito de entrevista, entre outros autores que muito contribuíram para o desenvolver deste artigo.

Palavras-chave: Relato de pesquisa. Procedimentos metodológicos. Entrevista. Processo dialógico.

EXPERIENCE REPORT: THE INTERVIEW AS PROCESS OF INTERACTION DIALOGIC

Abstract

This text is intended to report on the methodological procedures involving the action of interviewing, favoring the construction of a research object, formed by testimonials. Starting from the premise that the interview can be considered a process of dialogic interaction between the interviewer and the interviewee, this article sought through the observation and description of own research practice, list some steps that preceded, accompanied, directed and finished the Master thesis in education, assigning to interview a dialogic character. Therefore, the work relied on language conceptions of Bakhtin (2003, 2004) and Silveira (2002) concerning to interview, among others that greatly contributed to the development of this article.

Key words: Research report. Methodological Procedures. Interview. Dialogic process.

¹ Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Contato: ilsa.vieira@uol.com.br

Palavras iniciais

*Há tantos diálogos
Diálogo com o ser amado
o semelhante
o diferente
o indiferente (...)
Diálogo consigo mesmo
(...)
Escolhe teu diálogo e
tua melhor palavra ou
teu melhor silêncio.
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.*
Carlos Drummond de Andrade

Com o objetivo de relatar os procedimentos metodológicos utilizados no processo de aplicação de entrevistas, este artigo propõe uma reflexão da ação entrevistadora, considerando-a um processo de interlocução que se efetiva através da interação dialógica, na qual a díade entrevistador e entrevistado, como nos mostra Silveira (2002), não se restringe ao ato de *perguntar* e *responder*, mas amplia-se numa relação de envolvimento discursivo. Uma atuação e interação movida pela dinâmica de gestos, ações, palavras, imagens e representações sob um ato de constante de escolha, sugerido na epígrafe, que ocorre entre um *diálogo*, utilizando-se da *melhor palavra* ou do *melhor silêncio*, considerando que *mesmo no silêncio e com o silêncio dialogamos*.

A entrevista tornou-se um recurso bastante recorrente para a investigação nas Ciências Humanas, quer pelo fato de propiciar um contato, muitas vezes, direto com aqueles que irão ceder um depoimento para compor o objeto da pesquisa; quer por favorecer uma aproximação imediata com a problemática constituída pelo pesquisador, quer por conter uma dose de algo inusitado, de situações inesperadas ou de uma linguagem imprevisível.

Tomando como objeto de relato a própria ação investigativa na realização de uma entrevista aberta e semiestruturada, o trabalho propõe um olhar para as etapas que antecederam e se procederam até a concretização de uma pesquisa, com o intuito de descrever e refletir sobre o ato de entrevistar, para compreendê-lo como uma interlocução entre pesquisadora e pesquisado, cuja significação atribuída neste contexto de análise é de seres integrados pela palavra.

Ao priorizar uma reflexão sobre uma prática metodológica de pesquisa, já concluída, pretende-se observar um passado ressonante na procura de descrevê-lo, como também de compreender as organizações que constituíram e possibilitaram sua efetuação.

Certeau (2010, p.46) considera a escrita da história como resultado de uma ação e interação do historiador sobre os “documentos” numa atuação de reflexão e análise:

O discurso destinado a dizer o *outro* permanece seu discurso e o espelho de sua operação. Inversamente, quando ele retorna às suas práticas e lhes examina os postulados para renová-las, o historiador descobre nelas imposições que se

originam bem antes do seu presente e que remontam a organizações anteriores, das quais, seu trabalho é sintoma e não fonte.

A reflexão do trabalho permite destacar a entrevista como um momento de aproximação entre a pesquisadora e o sujeito a ser entrevistado, numa relação envolvida pela interação, pela constante convivência com situações e com ações sedimentadas pela palavra, a princípio em sua oralidade, depois com sua escrita, atribuindo a esse relacionamento um caráter ativo, dinâmico e desafiador, considerando que “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.” (BAKHTIN, 2004, p.66).

A análise constitui-se de quatro momentos distintos: 1) o primeiro caracteriza-se pelo estabelecimento de critérios para a procura dos candidatos à entrevista; 2) o segundo refere-se ao encontro dos entrevistados com a pesquisadora; 3) em terceiro, tem-se a realização da entrevista, como uma etapa sinalizada pela interação e a interlocução; 4) por último, revela-se a análise da palavra escrita como um modo de ressignificar a transcrição dos relatos, uma fase propícia à reconstrução do diálogo, através de uma leitura refinada e direcionada às pretensões da pesquisadora.

A palavra como objeto de interação e interlocução

Ao optar pela entrevista como procedimento metodológico, a pesquisa tomou como ponto de partida a palavra, primeiro em sua oralidade, por estar em pleno envolvimento com o que se sabe, com o que se conhece e, principalmente, com o que se vivencia. A palavra tornou-se o elo entre os homens, a ponte de interação entre o locutor e o ouvinte. A fala, segundo Bakhtin (2004), compreende dois lados, duas realidades; efetua-se tanto pelo emissor quanto pelo receptor, procede de alguém e dirige-se a alguém, a palavra:

(...) constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2004, p. 115)

Para o autor, a palavra está relacionada ou mesmo imbricada de uma essência de sentidos próprios de uma vivência humana, pois: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.” (BAKHTIN, 2004, p.95).

Também, nessa perspectiva, Larrosa (2002) compartilha da premissa de que a palavra é algo intrínseco ao ser humano e que nele constitui uma rede, um emaranhado de pensamentos, emoções, atitudes, convicções expressos pela palavra:

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio deste vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (LARROSA, 2002, p.21).

Nesse sentido, ressalta-se que na entrevista a palavra, em sua oralidade, possui um valor inestimável, por revelar particularidades tanto do indivíduo quanto do grupo social a que se refere. A entrevista ao se dar *na palavra e como palavra* possibilita conhecer as principais manifestações sociais e culturais, podendo-se denominá-la como um “termômetro” que capta, que registra as fases mais transitórias, mais sutis e mais efêmeras das mudanças de uma sociedade.

Segundo Bakhtin (2003), há uma função expressiva na linguagem, na qual o ato enunciativo não se resume em um enunciador e um ouvinte, mas considera que na comunicação discursiva, o ouvinte ocupa uma posição ativa em resposta ao que está em discurso (discorda, concorda, complementa o pensamento), há uma alternância entre ouvintes e falantes.

O enunciado é pleno de totalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2003, p.298)

Toda experiência discursiva individual se constitui a partir da interação contínua e constante com enunciados de outras pessoas. De forma que Bakhtin (2003, p. 295) coloca que todos os nossos enunciados são repletos de palavras dos outros, e “essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos.”

Nesta perspectiva, a entrevista como procedimento metodológico, recebe um olhar apreciativo e cuidado no decorrer do trabalho. Compreende-se que as palavras de outras pessoas tornavam-se significativas tanto no estruturar da entrevista, quanto na transcrição e na elaboração do texto escrito, firmando que, em cada etapa do processo discursivo, elas assumiram a posição de centralidade e de interesse investigativo.

A flexibilidade gerada pela relevância atribuída à interação dialógica, proporcionada pela comunicação discursiva, favoreceu a percepção de que o ato entrevistador se constituiu de diferentes momentos no decorrer da pesquisa, um percurso que se fez da oralidade ao texto escrito. O trabalho relata as quatro etapas distintas que acompanharam a ação entrevistadora, dando-lhe um caráter dialógico. Assim, na escrita do texto, priorizaram-se os momentos que precederam, movimentaram, direcionaram e

finalizaram a realização de uma entrevista, partindo da análise do processo investigativo desenvolvido em uma pesquisa de mestrado².

O momento da procura de candidatos à entrevista

Ao optar pelo recurso entrevista o pesquisador se depara com práticas, outras, as quais acompanham e determinam sua realização. Uma metodologia de investigação que se apresenta repleta de ações prévias, momentâneas e posteriores de planejamento e execução, destacando-se como um momento de tomada de decisões e de escolhas, na qual cabe ressaltar o quanto cada detalhe visto, ouvido e sentido entre palavras, gestos e ações tornaram-se relevantes para os procedimentos que antecedem o efetuar da entrevista.

Ao descrever os passos percorridos, no início da pesquisa, foi possível perceber diferentes circunstâncias que, nem sempre, estavam prescritas e previstas no roteiro do pesquisador. A imprevisibilidade tornou-se uma constante no ato investigativo e a convivência com incertezas permeou o desenvolver do trabalho pesquisador.

A determinação de a quem se destinaria a entrevista foi a tônica do procedimento, por isso decidir quem seriam os sujeitos para a entrevista, requereria um levantamento de alguns critérios, pautados nos objetivos da pesquisa, bem como um definir das principais metas de aplicabilidade, estabelecendo ações de como realizar a entrevista, iniciando-se com a elaboração das possíveis perguntas que a direcionariam.

Deparar-se com fatos não previstos foi algo recorrente no decorrer da pesquisa, entre eles podem-se destacar duas situações: a primeira, em relação ao grau de integração tanto no estabelecimento de critérios que fomentaram a procura dos candidatos – o que concederia às estratégias uma característica efêmera –, quanto aos motivos que justificariam a escolha dos candidatos à entrevista; a segunda, referente ao conjunto de elementos, de indícios ou situações desafiadoras e inesperadas, as quais surgiam no decorrer da procura dos possíveis candidatos até a realização da entrevista, abrindo possibilidades para novos olhares ou para reconsiderar a prática investigativa.

A pesquisa principiou seu processo investigativo com o objetivo de encontrar pessoas que tivessem guardado o livro de leitura da época em que estudaram, o que atribuiu à linguagem oral, à palavra proferida, o título de instrumento desencadeador da busca por sujeitos, a qual se efetuou por meio de perguntas, previamente pensadas e proferidas, individualmente, às pessoas que se consideravam possíveis portadoras de tal material.

O primeiro procedimento efetiva-se na determinação dos sujeitos que comporiam a pesquisa. Para isso, estabeleceu-se como critérios iniciais para a procura de candidatos: pessoas acima de 50 anos e que trouxessem consigo os livros de leitura ou cartilha da primeira série do período em que estudaram, a partir de uma pergunta mobilizadora: “Você guardou o livro em que estudou na primeira série?”.

Um busca que se deparou com desafios bem distintos. O primeiro e, talvez o maior, foi o de encontrar pessoas que não estavam perdidas, mas, diria, escondidas num montante de outras tantas pessoas que formavam a sociedade.

Deste modo, guiados pela pergunta mobilizadora, partiu-se para um compartilhar de ideias, recorrendo-se a diferentes públicos, estabelecendo diálogos sobre a temática da pesquisa.

O fato mais característico da pesquisa ocorreu em conversas nos encontros de família, nas quais nomes de possíveis portadores do material de leitura eram sugeridos

² Cf. GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **O livro: objeto de estudo e de memória de leitura**. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2009. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Educação.

pelos parentes da pesquisadora, num ecoar de lembranças de várias pessoas conhecidas. Durante a conversa com os parentes, elegiam-se dois critérios para essa indicação: o primeiro remetia ao fato de o sujeito possuir ou não a qualidade de ser cuidadoso ou um colecionador de coisas antigas; pensava-se no indivíduo como alguém que não se desfazia de seus pertences, como aquele que *guarda tudo*, passando a ser esse, então, um indício de ser o possuidor do livro do período em que estudara.

Outro fator discriminado foi o grau de formação de uma pessoa. As qualidades eleitas estavam entre ser ou não, uma pessoa *estudada*, entre gostar muito de ler ou por ser, ou não, um(a) professor(a) antigo(a). Assim, conforme as pessoas mencionadas apresentassem alguns desses critérios levantados, eram indicadas como aquelas que conservariam consigo os livros.

Esses preceitos nem sempre se mostraram verdadeiros. Muitas das pessoas eleitas por atenderem a tais critérios – como serem cuidadosas, colecionadoras, leitoras, professores antigos, pessoas instruídas – não tinham conservado consigo o livro da época em que estudaram; outros guardaram até um determinado tempo, mas depois se desfizeram deles.

Embora as sugestões não alcançassem os resultados esperados, destacar a mobilização e a contribuição de um público inesperado – no caso, a família, os amigos e parentes de amigos –, foi imprescindível neste momento da busca pelos entrevistados, uma demonstração de intensa solidariedade à pesquisa. Alguém, de alguma forma, manifestava um desejo de contribuir com a pesquisa. Assim, no decorrer do trabalho investigativo, contava-se com o apoio de diferentes colaboradores, que se integravam na realização de um trabalho investigativo.

Aproximar de pessoas, muitas vezes, desconhecidas e remeter-lhes a pergunta: “*Você guardou o livro em que estudou na primeira série?*”. Parecia algo bem atípico, mas que se fazia necessário nesse início investigativo e que produziria reações imprevisíveis as quais foram registradas e merecedoras de certas observações no desenvolver do texto. O registro de cada etapa, em forma de diário de campo, favoreceu uma descrição e análise mais precisa dos fatos e dos objetos investigados, no caso, tratava-se do primeiro livro de leitura.

A maioria das pessoas a quem se remetia a pergunta tinha uma reação saudosista surpreendente. Algumas, a princípio, diziam não se lembrar do livro, trocavam risos devido ao tempo em que isso ocorreria. Outros, com um olhar fixo no nada, como numa busca silenciosa em suas lembranças mais íntimas, punham-se a nos contar fatos de sua experiência de escola; mesmo sem nada interrogarmos, elas nos contavam como era a escola, a professora e, principalmente, o livro.

Apesar de não possuírem mais o livro descreviam seu tamanho, cor, forma, as ilustrações que trazia, o que ele continha, como palavras, frases, textos, como era a capa. Todos falavam o nome do livro e devagar completavam a recordação, muitas vezes, com o nome completo da escola e da professora. Contavam histórias de como a professora fazia a entrega dos livros, de como realizavam suas leituras e muitos nos disseram: “*Que pena que eu não tenho o livro!*”.

Quais motivos orientariam as respostas, dessas pessoas interrogadas, para expressarem tal lamento? Seria por não serem as escolhidas para uma entrevista? Por não poderem concretizar suas lembranças em algo material, que comprovasse, reafirmasse ou mesmo possibilitasse reviver aquelas lembranças?

A aproximação de diferentes pessoas permitia a mesma experiência de um “historiador com o vivido”, descrita por Certeau (2010, p.46), em uma relação que privilegiava a “possibilidade de fazer reviver ou de ‘ressuscitar’ um passado”.

Embora se constatasse que tais pessoas não haviam guardado o livro, elas compartilhavam as histórias de sua vida escolar, as que surgiam sem encomendas; ardiam

por revelar uma prática de leitura vivida e adormecida, aprendida em uma instituição escolar; outras tantas junto à família, num sítio ou fazenda.

A memória era tocada pelas circunstâncias, por situações que ocorreriam no cotidiano e, automaticamente, remetiam à lembrança de algo. Ao perguntar sobre o livro de leitura da infância, gerava-se uma *ocasião* ideal para a reminiscência.³

Um senhor, J. M. (60 anos), por exemplo, contou que certo dia na escola um aluno, colega da terceira série, ficou tão nervoso por não conseguir fazer uma avaliação que começou a discutir com a professora. Tamanha era sua ira que se pôs a rasgar os próprios cadernos; quanto mais a professora ficava brava, mais ele rasgava. Rasgou todos os cadernos, até que sobrou apenas o livro e a professora indagou: “*Você vai rasgar este também?*” E ele não conseguiu; olhou para o livro, tocou-o e não rasgou.

Ao recorrer às pessoas e proferir a pergunta mobilizadora, oportunizava-se uma ocasião para uma lembrança:

A ocasião, apreendida quando surge, seria a própria transformação do toque em resposta, “uma inversão” da surpresa esperada sem ser prevista: aquilo que o acontecimento inscreve, por mais fugitivo e rápido que seja, é-lhe devolvido em palavra ou em gesto. Lance a lance. A vivacidade e a precisão da devolução são indissociáveis de uma dependência em relação aos instantes e de uma vigilância que marcam com tanto mais vigor quanto menos lugar próprio tem para se proteger contra eles. (CERTEAU, 1994, p.164).

O fato ou um acontecimento vivido fica retido e se libera por estímulos externos, ou seja, o momento imprevisto que é denominado pelo autor como a *surpresa*, e utilizado como um despertar de reminiscências. Com a pergunta mobilizadora criou-se uma ocasião para que cada pessoa retomasse um momento vivido, o qual estava retido, guardado e agora precisava emergir. Esse momento foi concretizado por meio das histórias contadas, espontaneamente, por muitas pessoas, que mesmo não tendo conservado seus livros, e que, por conseguinte, não poderiam fazer parte do grupo de entrevistados, cediam inúmeras histórias e fatos da época em que estudaram, compartilhando aquilo que haviam guardado: suas lembranças.

Outro desafio caracterizado como uma circunstância inesperada para a pesquisa foi a desautorização de uma entrevista, a rejeição do portador em participar de uma pesquisa que se daria através de uma gravação em filmadora. Por se tratar de pessoas idosas que traziam características peculiares de um determinado tempo e cultura, não consentiram na realização da entrevista. Essa foi uma grande dificuldade para a pesquisadora, pois além do fato de encontrar alguém que tivesse uma cartilha da época em que estudou ser uma perfeita raridade, aceitar e respeitar a decisão de não participar, provocava um sentimento de frustração e de inconformidade a ser superado.

À pesquisadora, foi reservado um desafio bem particular: conter o ímpeto da curiosidade e da ansiedade por descobrir novos sujeitos. Ao deparar com um (a) senhor (a) em diferentes lugares e situações, era inevitável o desejo de abordá-lo e perguntar-lhe sobre seus primeiros livros de leitura. Olhar para o (a) idoso (a) remetia à lembrança do livro e à pergunta: “*Será que ele (a) guardou o livro em que estudou?*” Uma indagação que, muitas vezes, foi conveniente não ser proferida, por se tratar de pessoas desconhecidas, sendo necessário um autocontrole para não interrogar todos os (as) senhores (as) que iam surgindo pelo caminho.

³ Cf. CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 163.

Mesmo com pessoas denominadas como conhecidas foi imprescindível, no momento da aproximação, um cuidado com as palavras; procurou-se promover um contato inicial, uma pequena conversa e a formulação de uma justificativa àquela pergunta lançada, atribuindo um valor a esse questionamento, a essa pesquisa. Considerando que “também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isto.” (LARROSA, 2002, p.21).

O encontro dos entrevistados com a pesquisadora

Nessa etapa teve-se, de forma consolidada, a iniciativa de se estabelecer relações movidas pela palavra, entendendo palavra como um ato comunicativo que não se restringia apenas à uma unidade isolada da língua, com sentido acabado e singular, mas “o significado da palavra refere uma determinada realidade concreta em condições igualmente reais de comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2003, p.291)

Compreender o significado da palavra proferida foi, ao mesmo tempo, ocupar em relação a ela uma ação responsiva, foi interagir-se com o outro através da fala, da empatia e simpatia de gestos e ações concordando ou não com o que estava posto no diálogo, favorecendo a construção do *colorido expressivo* do enunciado. (BAKHTIN, 2003)

A palavra tornava-se, também, o recurso fundamental na aproximação dos entrevistados, os quais se revelavam sujeitos possuidores de uma experiência de vida, de um saber pessoal que somente tornariam público tal conhecimento por meio de suas narrativas.

Uma narrativa que, segundo Benjamin (1994), seria sedimentada pela vivência dos acontecimentos, a experiência (vivida, vista, ouvida ou sentida) era a fonte a que se recorriam os narradores. O autor escreveu que havia dois grupos de narradores: aqueles que viajavam o mundo e traziam histórias das experiências que vinham de longe, e aqueles que não saíam das suas terras e que traziam as histórias das experiências de sua cultura e de suas tradições.

Aproximar dos futuros narradores requereria uma atitude de reconhecimento e valorização de suas histórias, uma ação movida por sentimentos de surpresa e comoção, que poderiam manifestar-se em duplicidade: de um lado, uma pesquisadora que transbordava alegria por ver possível a realização de uma pesquisa acadêmica; de outro, a satisfação de uma pessoa, que poderia identificar-se como *comum*⁴, ser um (a) escolhido (a) para uma entrevista, por conservar algo, no caso, um objeto-livro, que também poderia ser identificado como *comum* e que, até então, só tinha um valor e sentido para si mesmo. Reconhecer e apreciar o outro por suas vivências e experiências, num sentimento de reciprocidade, numa crença de que “todos somos uns para os outros e outros para uns, enquanto há alguma possibilidade de identificação, de reconhecimento.” (GARCIA, 1998, p.24).

A interação entre entrevistador e entrevistado

Deparar-se com as tradicionais orientações para realizá-lo da entrevista, pareceu assumir atitudes contraditórias à própria ação dialógica: instigar um diálogo sem interferir com palavras; estimular uma fala sem interromper os entrevistados; permitir que expressassem fatos e sentimentos, numa narrativa mais próxima às situações de

⁴ Cf. CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 57.

interlocução “espontânea”, cuidando para não cair na tentação de acreditar que, nas entrevistas acadêmicas, “não haja jogos de representações e imagens, negociações e disputas, escaramuças e retiradas estratégicas.” (SILVEIRA, 2002, p.122).

Assumir a entrevista numa *perspectiva da interação*⁵ era considerar entrevistador (a) e entrevistado (a) como sujeitos parciais. Uma perspectiva que possibilitaria olhar as falas dos respondentes, não apenas como uma única fonte de informação, mas para toda a situação de interação como um objeto de análise, como uma relação dialógica. (SILVEIRA, 2002).

A ação entrevistadora principiava-se pela interação, o que estava em jogo além da palavra, era tudo que poderia acompanhar o diálogo: os gestos, os olhares, os sentimentos, as expressões corporais que dialogam com o entrevistador numa:

Perspectiva de interação, segundo Alasautari (1995), já no que diz chama de “perspectiva de interação” o autor concebe a função da entrevista de outra forma, afirmando que “ao invés de nos encontrarmos na fala do respondente como fonte de informação, de dados, tomamos toda a situação de interação como objeto de análise”. (SILVEIRA, 2002, p. 124)

Assim, a abertura de uma entrevista se faz através de uma apresentação, pela ação de falar um pouco sobre eles mesmos, de se apresentarem de forma espontânea; um momento inicial que permitiu maior expressividade para o decorrer da entrevista. Falar de si mesmos poderia ser um desafio (talvez) para os sujeitos entrevistados, mas, ao mesmo tempo, tornava-se um modo oportuno de abertura ao diálogo.

Outras perguntas se estendiam, a partir da apresentação, as quais foram elaboradas de acordo com os dados pessoais fornecidos ou mesmo como uma forma de amenizar dificuldades que o depoente manifestava em sua comunicação⁶. Contudo, aos poucos, ocorria um desvio do olhar preocupado com a câmera ou com a entrevistadora até a obtenção de uma liberdade, de um sentimento de *bem estar* para falarem de si mesmos, no caso, do livro e das histórias com ele vivenciadas.

Aproximar-se dos sujeitos entrevistados, não deixava de ser uma atividade equipada de várias expectativas. Durante a realização da entrevista, almejava-se do respondente uma história única e surpreendente entre um leitor e o seu livro. Esperava-se o inesperado: falas que satisfizessem às expectativas da pesquisadora, que fossem condizentes com as propostas do trabalho, no entanto, a quem competia prever ou presumir as respostas de um entrevistado?

⁵ Cf. ALASAUTARI, Pertti, (1995). **Researching Culture** – qualitative method and cultural studies. London: Sage.

⁶ Perguntas que direcionaram a entrevista: Quais lembranças você tem do início da sua escolarização? O que você guardou da sua época de escola? O que mais lhe marcou neste momento de escolarização? Por quê? De que maneira você adquiriu o livro? Como foi seu primeiro contato com este livro? Como ocorreu sua primeira experiência de leitura com ele? O que você mais aprecia (ou não) neste livro? Você, agora, diante deste material (livro/cartilha) que o acompanhou durante sua alfabetização/escolarização e que guardou durante tanto tempo. Quais sentimentos, emoções ressurgem ao ver e tocar novamente este livro? Olhando para este material o que mais você lembra? Você se lembra de algum fato/ experiência concreta na sua história com este livro? O que o (a) levou a guardar este material? Há quanto tempo está guardado? Onde e como você o guardou? Outras pessoas usaram este material? Que significado tem, hoje, para você este livro?

A ideia inicial da situação até pode ser deslocada, modificada, negada... na medida em que o intercambio se desenvolve. Em que o questionamento envereda por caminhos insuspeitos, em que entrevistador se torna um cúmplice ou, decididamente, uma espécie de inquisidor, mas o enquadramento inicial do que vai acontecer é imprescindível. (SILVEIRA, 2002, p.126).

Do imprevisível não veio uma história apenas, mas histórias, outras, tomadas pela variedade e intensidade que o objeto-livro trazia consigo, um fato constatado que não se podia recusar. O relato – aqui utilizado como objeto de estudo – tornou-se revelador de experiências de leituras próprias de um tempo, para muitos, esquecido, que se abria dentro daquele livro. A história do primeiro livro de leitura dos depoentes transformava-se numa somatória de histórias diversas:

Nossa história são muitas histórias. Em primeiro lugar, porque, muitas vezes não a contamos para nós mesmos, mas a contamos a outros. E a construímos levando em conta o destinatário. Procurando provocar uma interpretação (sua interpretação) e procurando controlá-la. E aqui se abrem múltiplas diferenças, múltiplos espaços de sentido. Em primeiro lugar, porque nossas histórias são distintas conforme a quem a contamos. (LARROSA, 1996, p.474 *apud* COSTA, 2002, p.134).

O marco deste momento da entrevista efetuou-se quando a díade entrevistador e entrevistado ultrapassou a dimensão pergunta e resposta e o entrevistador assumiu não um caráter de ouvinte passivo, mas ativo na ação responsiva. Neste processo de interlocução o entrevistador se envolvia de tal forma nas respostas que estabelecia uma interação dialógica:

P – O que o senhor guardou dessa época? O que mais lhe marcou?

E– O que mais me marcou foi a maneira como se educava. Havia uma responsabilidade das professoras, de certa forma, era ainda aquela fase das filas, da separação de pátio dos homens, pátio das mulheres, das cartilhas, muitas cartilhas, do aprender decoradamente a tabuada, de frequentar a biblioteca, toda uma vez por semana, tinha que ir na biblioteca, cada dia era uma turma e também da disciplina, pouco disciplinar.

P – Eram muitos alunos?

E – Eram bastantes alunos, creio que, na minha escola, só na minha época, eu considero bastante, porque para um bairro era em média duzentos e duzentos e cinquenta alunos de primeira a quarta série.

P – O senhor consegue se lembrar do nome da professora?

E – Ih... não tem jeito de não esquecer [risos]. A minha professora mesmo se chamava Adélia... é... No primeiro ano eu tive uma certa dificuldade, porque interessante, naquele tempo as professoras, ela tinham uma certa limitação, faziam a repartições da turma, mas às vezes não ficavam atentas, então, às vezes elas

mandavam o aluno pra uma turma, depois elas ficavam procurando o aluno pra retornar a turma original, eu fui enviado pra uma turma, quando na verdade pertencia a outra, então quando eu estava me acostumando com uma professora, então, vem aí, aquele rompimento, isso foi pra mim negativo didaticamente, até eu me acostumar com a outra professora. Eu não me acostumei, porque a primeira já estava na cabeça, interessante.

P – Já havia criado aquele vínculo.

E– Vínculo, o vínculo. (confirmou com um gesto afirmativo da cabeça)

Aí aquele ano tive certa dificuldade, passei de ano mais minha mãe achou, como eu estava bastante doente, que havia também as dificuldades de enfermidade, tudo, aquelas coisas, a minha mãe me mudou de escola, e aí eu comecei o primeiro ano de novo, então, foi... as adaptações não eram fáceis, mesmo porque os alunos não eram tão saudáveis, nossa época não havia, é...condições por exemplo: médico era distante, condições de tratamento, tudo isso..

P– Não tinha as prevenções que a gente tem hoje das vacinas.

E – Exato... então (vi vários meses) muitos alunos não podiam ir a aula que estavam doente, né... (olhando e afirmando com a cabeça)

P – E quais livrinhos que o senhor guardou?

E – Olha... eu guardei vários, mas há uma coleção que ela é... foi uma coleção utilizada pelas escolas, como se fosse assim um livro quase que base, essa coleção da Lúcia Casasanta, *As mais belas histórias*, existia também das poesias, das *As mais belas poesias*, que era uma outra coleção, mas essa aqui me marcou porque era... era uma forma da gente estar sempre em contato com a literatura, né, ele é... era diversificada, tem poesias, histórias, estórias, né, o que nós podíamos chamar de ... é... comparações...

P – Fábulas?

E – Fábulas, fábulas é... então, era muito importante para o aprendizado e o primeiro livro dessa coleção era uma história que... que você não recebia o livro, você recebia a página do livro, a cada lição, depois constituía, chamado: *Os três porquinhos*, né, então, aquilo quase que a gente decorava, ficava na cabeça: Era uma vez Três Porquinhos...Eu tenho isso até hoje na cabeça, ficou mesmo. Então, recontava a história e aquilo ficava na... mente dos alunos, era muito bom.⁷

O excerto retratou o quanto a pesquisadora não esteve indiferente e passiva ao diálogo estabelecido. Neste recorte percebe-se uma interação verbal quando a fala do entrevistado não se destacou pelas perguntas pré-selecionadas, mas pelas condições de enunciação oferecidas pela pesquisadora, ou seja, pela ação responsiva, a qual desencadeou a expressividade do relato e permitiu a desenvoltura do depoente, visto que “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata.*” (BAKHTIN, 2004, p. 114, grifos do autor).

⁷ A título de se preservar a integridade do entrevistado, a identificação das falas se fará pela utilização de **P** para pesquisador-entrevistador e **E** para entrevistado.

Nessa pequena transcrição da entrevista evidenciou-se o desenvolver de um ato dialógico, no qual se corrobora a ação entrevistadora como uma ação interativa, em que “o enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para os discursos do outro sobre ele.” (BAKHTIN, 2003, p. 300).

Um envolvimento que se procedeu através da interação verbal, da troca de olhares, de um leve movimento afirmativo com a cabeça, de risos, enfim, um momento de interação verbal determinado por uma situação em a palavra:

(...) é determinada da maneira mais imediata pelos participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos, em ligação com uma situação bem precisa; a situação dá forma à enunciação, impondo-lhe esta ressonância em vez daquela, por exemplo a exigência ou a solicitação, a afirmação de direitos ou a prece pedindo graça, um estilo rebuscado ou simples, a segurança ou a timidez, etc. A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. (BAKHTIN, 2004, p.116)

A entrevista assumiu um caráter de dinamismo e envolvimento, tornou-se um momento em que a pesquisadora conduziu um diálogo direcionado ora pelas perguntas previamente pensadas, ora por perguntas advindas de um discurso interlocutor participativo na enunciação, movido por uma ação responsiva. Há uma alternância nas falas, indicando compreensão, complementação e direcionamento do diálogo.

A resignificação palavra: do discurso oral ao escrito

A última etapa do processo dialógico da ação entrevistadora se constituiu durante e após a transcrição das entrevistas, marcando-se pela alteração da palavra oral pela escrita, que ao assumir uma materialidade, ostentava uma produção de sentidos a partir da ação leitora, visto que “uma vez materializada, a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e mais estável.” (BAKHTIN, 2004, p. 121).

A palavra sob uma composição substancial - o texto oral sob a configuração de relato transcrito – inaugurava uma forma distinta de apropriação, decorrente de uma atividade de leitura, na qual “o próprio itinerário da *escrita* conduz à *visão* do lugar: ler é *ir ver*.” (CERTEAU, 2010, p. 277).

Nesta perspectiva, o papel da pesquisadora deslocava-se de entrevistador para a condição de leitor, frente ao texto constituído a partir da transcrição. A prática de leitura da ação pesquisadora parte da composição do oral para o escrito, a fim de atribuir-lhe um sentido e sobre ele realizar uma “operação leitora”, nos diria Certeau (1994, p. 255), percorrendo entre as palavras, numa “operação de caça”, escolhendo-as, recortando-as, classificando-as e produzindo-lhes um significado.

Nessa relação dialógica, agora estabelecida com a narrativa escrita, tanto entrevistador (a) quanto o (a) entrevistado (a) agiriam com certa dosagem de interesses. Se, em dado momento, foi concedido um depoimento com a intenção de provocar uma interpretação distinta, tal concessão colocar-se-ia, diante do último momento da entrevista, uma etapa rumo ao consolidar da pesquisa: a análise dos discursos proferidos. Momento marcado pela ação pesquisadora que, diante das transcrições, observavam-se as características das palavras, questionando-as, classificando-as e resignificando-as.

Ao ressignificar os depoimentos oferecidos processava-se um ato quase que constante de releitura, concretizando-se num momento em que a pesquisadora estabelecia um diálogo mais direcionado às palavras que lhe foram concedidas.

Recorrendo a Certeau (1994, p. 269), numa posição de “leitor viajante” circulante por terras alheias, procurando desvendá-la, a pesquisadora percorreu cada parte do texto-relato, também num processo de interação e interlocução, agindo sobre o texto produzindo-lhe um sentido, ressignificando palavras, expressões ou enunciados, como indícios que comprovavam, (re) afirmavam, destacavam a proposta a que se destinou a pesquisa, aproximando-os de acordo com os seus interesses e objetivos, entendendo que “o que faz da palavra uma palavra é sua significação.” (BAKHTIN, 2004, p. 48)

Palavras finais

A descrição e reflexão sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a realização de uma entrevista, como instrumento de formação ou definição do objeto de pesquisa, demonstrou-se um ato propulsor de ações e relações, na qual o pesquisador embora não se apresente ileso de suas limitações pessoais, foi capaz de desenvolver práticas de atuação ao desenvolver a atividade investigativa.

Neste contexto, o ato de entrevistar não apareceu como uma ação única e acabada, mas se revelou uma prática constituída por momentos distintos, os quais precederam, movimentaram, direcionaram e finalizaram sua efetivação, colocando a pesquisadora numa posição de agente condutor de uma relação marcada pela imprevisibilidade e por situações desafiadoras.

Ao olhar para a entrevista como um processo de interação dialógica foi possível percebê-la como uma ação dinâmica, envolvente e desafiante para quem a executa. Na díade pesquisador-entrevistador se estabelece uma dialética com a palavra cedida pela oralidade, com a transcrição do relato e com a composição do texto, numa relação de proximidade e interatividade com o discurso proferido, numa prática de leitura, como produção de sentidos, a partir do texto construído, no qual:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2004, p. 125)

O processo de interação verbal decorrente de uma entrevista deixou registrado, além das marcas visíveis na materialização em um texto escrito (dissertação), sinais, outros, que se tornaram perceptíveis para aqueles que vivenciaram a ação pesquisadora. Marcas de satisfação, de aprendizagem de vida, de reconhecimento e de interlocução, as quais não se restringiram somente ao entrevistado – locutor que cedeu sua palavra à análise –, mas também àquele(a) interlocutor que se dispôs, um dia, a ser um(a) pesquisador(a), constituído de relações e interações com e por entre *palavra*

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica. Arte e política. Obras escolhidas. 7ª ed. São Paulo, 1994.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. A escrita da História. 2ª ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: a arte de ensinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades nas fronteiras*. Rio de Janeiro; Dp&a, 2005.

GARCÍA, R. A propósito do outro: a loucura. In: LARROSA, Jorge; PÉRES DE LARA, N. (Orgs.) *Imagens do outro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. *O livro: objeto de estudo e de memória de leitura*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2009. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Educação.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e máscaras*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Notas sobre experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas: n.º 19, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996.